

## RESENHA ENSAIOS APOLOGÉTICOS | DESAFIOS RELIGIOSOS À FÉ CRISTÃ

**Henrique Figueiredo**  
**Lucas Melon**

Resenha do livro “Ensaio Apologético” (parte 5 Desafios Religiosos à Fé Cristã) como avaliação para a disciplina de Cristianismo e Religiões Mundiais como parte do curso em Bacharel de Teologia da Faculdade Teológica Batista de São Paulo - 2023.

### **Obra de Referência**

BECKWITH, J. Francis. CRAIG, William Lane. MORELAND, J. P. Ensaio Apologético: Um Estudo Para Uma Cosmovisão Cristã. São Paulo: Hagnos, 2004.

### **Resenha**

#### **Pluralismo, “concorrências”, a busca pela verdade e outros desafios à fé cristã**

A presente resenha aborda a parte cinco do livro “Ensaio Apologético – Um Estudo para uma Cosmovisão Cristã”, de autoria de Francis J. Beckwith, William Lane Craig e J. P. Moreland. Os três são teólogos de renome internacional e professores respeitadíssimos. Beckwith leciona na Baylor University (ligada à Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos), no Texas; Craig dá aulas na Escola de Teologia Talbot, em Los Angeles e Moreland é professor na Biola University, na Califórnia.

Suas obras literárias passam, em resumo, por três grandes áreas de estudo / pesquisa: religiões mundiais (com destaque para o islamismo, cristianismo e judaísmo), filosofia e cosmovisão cristã.

Tendo esses pilares como os principais, os três trabalham juntos nesta obra, dedicada ao filósofo e professor Norman L. Geisler (autor de livros como “Introdução Bíblica – Como a Bíblia Chegou até Nós”, “Ética Cristã” e “Não Tenho Fé Suficiente para ser Ateu”), apontado por eles como grande referência e nome de muitas contribuições em suas produções e estudos.

A partir do exemplo dado da Convenção Batista do Sul (assembleia convencional dos anos 2000, em Chicago, cujo objetivo era levantar mais de 100 mil missionários para evangelizar a cidade), isso evidencia o quanto o fator missionário / cristão é algo impactante para a sociedade. A junção de mais de 40 líderes de outras religiões pedindo que este movimento não acontecesse por receio de que isso pudesse contribuir com a violência (por reação de alguns grupos) não surpreende, mas sim a posição de um bispo metodista que avaliza o pedido.

Neste aspecto, o autor traz à tona o conflito que há por trás do dilema religioso na atualidade. O cristianismo, que tem para si a mensagem de que Cristo é a revelação plena de Deus Pai e o único caminho para a salvação da condenação eterna por causa do pecado. Em contrapartida, há outras religiões, com milhões de adeptos, sobretudo islamismo e mormonismo, que crescem porcentagens exorbitantes, que requerem para si a revelação verdadeira do deus em que acreditam.

Neste campo, David K. Clark escreve sobre o pluralismo religioso e o exclusivismo cristão. Ele parte da argumentação central de que para o contexto social, é mais positiva a ideia geral de que todas as religiões trazem contribuições significativas à sociedade. Pouco se entra no mérito de qual é a “fé correta”.

Clark faz questão de especificar o termo pluralismo religioso, uma vez que, segundo o autor, muitas pessoas o compreendem de forma equivocada. Ele começa por dizer o que não é o pluralismo. Apontar que várias pessoas seguem diferentes religiões não caracteriza pluralismo, mas sim uma variedade religiosa. Nem mesmo considerar que, legalmente, sejam aceitas diferentes religiões em um contexto social. Este conceito de liberdade religiosa não caracteriza, necessariamente, uma pluralidade.

O pluralismo está em religiões que afirmam conduzir a Deus ou à salvação nele. Há, neste contexto, um dualismo porque outra corrente que aponta que apenas uma linha religiosa, efetivamente, conduz a Deus. Nesta disputa, temos o pluralismo duelando com o exclusivismo.

O foco, contudo, do autor é na questão do exclusivismo e do pluralismo. Neste aspecto, ele passa pela questão da verdade e a da salvação. Muitas religiões defendem para si que são portadoras da “verdade” suprema e da salvação. Ocorre que este pensamento tem se tornado cada vez mais difundido na sociedade. É até perigoso – para não dizer que pode soar como hostil para alguns – o discurso de que a sua própria religião é a verdadeira. É algo que não “cai bem” para os dias atuais, fortemente marcados pelo ecumenismo.

Um ponto básico trazido à tona por Clark é levar em consideração o que as religiões dizem sobre pontos ditos como cruciais. O cristianismo, por exemplo, diz que a mais básica realidade é Deus (que existe para desde sempre e para sempre), já o mais profundo problema do homem é a falha moral (pecado), que nos separou de Deus. A reconciliação nesta relação ocorre por um intermediador: Cristo (plenamente Deus).

Sobre os riscos de se argumentar sobre a verdade e a fé em que se acredita, Clark provoca em um ponto interessante. “Se o simples fato de alguém crer que detém a verdade significa que esse alguém seja arrogante e intolerante, então todos são arrogantes e intolerantes, sem exceção” (p. 354).

O autor faz questão de descolar dos exclusivistas a figura de arrogantes ou de donos de um discurso violento. É certo que há pessoas extremas que buscam defender seu ponto de vista fora de tom, mas isso não é regra. Isso quer dizer, na prática, que um cristão pode defender o seu ponto de vista e a sua fé sem ser displicente com pessoas de outros tipos de fé.

É marcante demais este aspecto porque à luz do texto bíblico e do conhecimento sobre outras religiões, o cristianismo traz uma proposta explosiva de fé e relacionamento. Enquanto nas outras religiões, nós temos homens em busca de Deus, na fé cristã, nós temos Deus se relacionando (por sua própria iniciativa) com o homem, criado à sua imagem e semelhança, tendo nos dado um intermediador (plenamente homem, plenamente Deus) que nos revela o plano redentivo para a criação.

Já partindo para a temática do panteísmo, o falecido reverendo Ravi Zacharias (que cresceu na Índia, em meio a um contexto de fé que cultua a cerca de 330 milhões de deuses) propõe uma reflexão a partir do pensamento oriental.

Para ele, o principal muro que representa um grande desafio no chamado de comunicar o evangelho está na cultura.

Segundo ele, a ideia panteísta fortaleceu a sua presença na sociedade por meio de ideias como a meditação transcendental, ciência do ser, filosofia, entre outras áreas.

Zacharias aponta que qualquer ideia que traga princípios bíblicos para questões sociais é vista como um divisor. Isso faz com que muitas pessoas sigam apenas até a página dois em suas argumentações, ou seja, até os pontos em comum que “dialogam” com outras linhas de pensamento.

É interessante a frase dita pelo autor “O mundo agora é construído sobre terras reclamadas do mar da fé”, o que mostra a diversidade da fé e dos elementos e valores associados a ela. Neste aspecto, Ravi destaca que o problema está em tentar manter o foco nos pontos em comum, mas não discutir elementos realmente importantes.

Para falar em panteísmo, é mais do que natural recorrer à Índia, uma vez que o país é o perfeito exemplo do que este modelo apresenta e defende. Sendo o autor, portanto, de origem indiana, ele trouxe um panorama interessante que ajudou a explicar o diverso, complexo e incoerente aspecto religioso / cultural do país, fácil hospedeiro de uma série de idolatrias, pluralidade de crenças, de rituais e sacrifícios.

Ao falar sobre a recepção do cristianismo pelos hindus / indianos, Zacharias vai além do que muito se vê por aí. É interessante a sua argumentação de que a visão mais generalizada é de que o cristianismo é uma religião ocidental (quando na verdade seu berço não é ocidental) e que chega a lugares como a Índia, por exemplo, com características típicas de um colonialismo (palavras dos alunos, não do autor no sentido de traduzir a ideia). Segundo Zacharias, há, para alguns, a ideia de que a pessoa que se converte ao cristianismo perde a sua “originalidade”. É como se parte da história do convertido ou de sua vivência familiar tivesse ficado pelo caminho no processo.

Se há tais pensamentos, é importante que haja uma reflexão sobre possíveis erros e exageros na forma como iniciativas missionárias foram desenvolvidas no passado. Não é segredo que a Igreja, em especial a Católica Apostólica Romana, foi a força motriz por trás de grandes movimentos que culminaram em morte ou prisão de contrários à fé cristã ou de alguns tidos como hereges), no passado.

Caminhando para o fim, o autor destaca que o panteísmo, por si só, não é um problema (no aspecto de os falsos deuses serem exatamente isso, falsos deuses), mas o problema habita no fato de a raça humana desejar exercer o papel de Deus na história.

### **Mormonismo**

*Capítulo 19 (Pág.385) – por Carl Moser e Paul Owen*

O mormonismo é considerado um dos maiores movimentos que ferem a saúde do cristianismo, no entanto, eles buscam para si o título de também serem considerados cristãos.

Os mórmons, membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Último Dias, acreditam em Jesus como o salvador do mundo, defendem que Jesus é o Cristo diante de judeus e gentios. Eles se consideram como portadores da plenitude do evangelho e creem no Livro de Mórmon além das Escrituras reveladas.

Dentre as principais diferenças com os cristãos, os mórmons que a trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, não são uma unidade do ser, mas apenas de propósito, poder e vontade. Uma outra diferença, é no aspecto do batismo, os mórmons também realizam batismos pelos mortos. Além disso, o casamento também é outro fator que marca um aspecto doutrinal desse movimento, segundo eles, os casamentos são múltiplos até a eternidade.

### **Desafios à apologética eficaz**

Carl Moser e Paul Owen destacam dois desafios principais para uma apologética eficaz, o primeiro, para os apologistas, pastores, missionários e evangelistas leigos é diferenciar os ensinamentos dos SUD – Santos dos Últimos Dias nas várias áreas das teologias, sem exageros em suas diferenças.

O segundo desafio, gira em torno das similaridades de estrutura e categoria, que faz com que muitos cristãos a tratarem o mormonismo como sendo uma heresia interna do cristianismo.

Nos últimos anos, muitos estudiosos da SUD têm surgido, sua afirmação fundamental tem sido que o cristianismo se tornou apóstata por volta do século I e posteriormente em 1830 restaurado pelo profeta Joseph Smith. Diante desses debates, o cristão deve estar preparado para defender o antigo monoteísmo judeu e cristão, o desenvolvimento da teologia cristã, a doutrina da criação e a doutrina da Trindade.

Moser e Owen enfatizam que para os cristãos que desejam defender sua fé, é essencial conhecer a cosmovisão mórmon, pois há um abismo entre as cosmovisões do mormonismo e do cristianismo.

### **Cosmovisões e a confissão cristã autêntica**

A devoção dos mórmons pode ser uma tentação e nos fazer pensar que são cristãos, ou que as diferenças nas cosmovisões não impactam diretamente na genuína recepção do evangelho e na salvação. No entanto, ao comparar com textos como Romanos: *Não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê: primeiro do judeu, depois do grego. Porque no evangelho é revelada a justiça de Deus, uma justiça que do princípio ao fim é pela fé, como está escrito: "O justo viverá pela fé".* – Romanos 1:16,17 – nota-se a trágica situação humana, caída sob a ira divina. Baseado nessa reflexão de Romanos 1, o componente central do evangelho é abandonar as crenças e práticas idólatras, enxergando a realidade por meio das lentes da revelação divina, logo, mensagens que refletem percepções distorcidas não podem ser consideradas como cristãs.

Ireneu que foi pai da igreja primitiva no século II d.C., descreveu o resumo da verdade cristã designada como *regula fide*, regra de fé ou verdade com duas importantes funções.

1. A *regula fide* é um resumo da visão fundamental sobre Deus, o mundo, a humanidade e a salvação (como era compreendida pelos primeiros herdeiros dos apóstolos).
2. A *regula fide* estabelece os parâmetros teológicos básicos dentro dos quais ocorre a correta interpretação das Escrituras. As interpretações que violam essas regras, não têm direito de ser consideradas cristãs.

Ireneu também destacou que uma pessoa tão somente ser batizada em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo não garante que a fé da pessoa é cristã, ela deve também crer corretamente na natureza e na identidade das pessoas por quem foi batizada. Para Ireneu, é inútil expressar uma afirmação verbal as verdades das Escrituras enquanto leva uma vida de imoralidade. Do mesmo modo que pouco se aproveita da pessoa que tem uma vida moralmente íntegra, mas a verdade não está em sua alma.

Segundo Ireneu, há três definições principais a uma fé cristã autêntica, “Deus, o Pai, incriado, ilimitado, invisível, único Deus, o Criador de todas as coisas” – a origem de tudo é Deus. As outras duas definições, focam as pessoas e a obra redentora da Palavra de Deus e do Espírito Santo. A Trindade não é mais uma doutrina cristã sobre Deus, mas o próprio âmago dessa doutrina.

Com a vida dos primeiros cristãos e os ensinamentos do Novo Testamento, notamos que apenas a devoção a Cristo não é suficiente para que um movimento religioso seja considerado cristão, uma vez que a compreensão sobre Jesus deve ser formada por um entendimento bíblico da realidade. Reconhecem também que uma cosmovisão não-bíblica, pode enfraquecer o entendimento das pessoas a respeito de Jesus ao ponto de inibir o verdadeiro conhecimento sobre Deus e conseqüentemente, por a risco a salvação, portanto, cosmovisões equivocadas, surgem como uma espécie de idolatria.

### **A cosmovisão mórmon**

O mormonismo tradicional apresenta uma cosmovisão muito distinta do que o cristianismo primitivo, a tradição da ortodoxia e a doutrina cristã da criação. Tanto os primeiros cristãos, como a tradição, criam que apenas a devoção a Cristo não era suficiente em si mesma, para qualificar um movimento religioso como genuinamente cristão. No entanto, na obra *Doutrina e Convênios* dos SUD, observa-se que Jesus existiu no princípio com Deus, no entanto a passagem deste livro também afirma que o homem também existia no princípio com Deus, denotando assim que os seres humanos são eternos e incriados.

O profeta fundador do mormonismo ensina coisas semelhantes. Deus não criou o mundo, mas Deus havia materiais para organizar o mundo que repousava no caos. Matéria caótica fundamental e na qual habita toda a glória. O conhecimento tinha uma existência que reforma à dele. Tanto a matéria quanto os princípios são eternos e não podem ser danificados. O primeiro passo na salvação do homem são as leis constituídas de princípios autoexistentes e eternos. Os princípios genuínos do elemento jamais podem ser danificados. Eles não têm começo e nem fim. Ele afirmou que “o espírito do homem é eterno”. Em seu mais famoso sermão ele também afirma que “Nós dizemos que o próprio Deus é um ser autoexistente. Quem lhes disse isso? Isso está correto, mas como entrou em sua cabeça? Quem lhes disse que o homem não existiu sob os mesmos princípios. A mente ou inteligência que o homem possui é coigual com o próprio Deus.”

Desse modo, de acordo com a cosmovisão mórmon, Deus não criou a matéria da qual o cosmo é constituído ou as várias leis eternas que o governam em seu nível mais fundamental. Ele, sequer, criou os seres humanos em sua constituição mais básica. Todas essas coisas, assim como Deus, fazem parte de uma verdade autoexistente, eterna e suprema. Deus é incapaz para acabar com qualquer uma delas ou mudar a natureza fundamental delas, porque elas existem independentemente do poder criativo de Deus.

### **Islamismo**

*Capítulo 20 (pág. 415) por Abdul Saleeb*

Abdul Saleeb destaca no início deste capítulo que vivemos em um mundo pós 11 de setembro, onde é disseminado na cultura cristã, literaturas sobre o Islamismo que destaca a violência, dando ênfase assim somente nos aspectos negativos dos muçulmanos. Ainda que muito disso tudo seja uma realidade presente, não seremos bem-sucedidos se não compreendermos a teologia islâmica para dar a eles uma resposta cristã apropriada.

O autor focaliza neste capítulo essas diferenças teológicas entre o Islamismo e Cristianismo, como essas doutrinas desafiam cada doutrina fundamental de fé cristã e como cada cristão pode responder aos ataques.

### **Os princípios da teologia islâmica**

A teologia islâmica é baseada em cinco artigos de fé que refletem passagens diversas do Alcorão.

**1. A unicidade de Deus:** considerada como a mais importante crença, afirma a singularidade de Deus, ou seja, Alá como o Único, o Absoluto, transcendente Criador, o Senhor e Mestre de tudo o que há. Este é o tema unificador do islamismo. “Não há Deus exceto Alá, e Maomé é o seu profeta” é a confissão de fé do islamismo e o Alcorão contém diversas passagens sugerindo que os leitores abandonem as crenças pagãs e politeístas e convertam-se com fé e submissão à soberania do único Deus verdadeiro.

**2. Mensageiros de Deus:** diz que os seres humanos são dotados de uma pré-disposição de se desviarem do caminho da verdadeira adoração. Assim, Deus ao longo da história, Deus tem enviado seus profetas e mensageiros para guiarem e ensinarem a humanidade no caminho reto. A maioria dos muçulmanos acredita que Maomé foi o último e maior profeta de Deus, consideram que sua mensagem em relação ao Islã é completa e incorrupta, sendo a única mensagem válida universalmente para toda a humanidade.

**3. Os livros de Deus:** além dos mensageiros enviados por Deus, escrituras também foram dadas a alguns deles para transmitir a vontade de Deus ao povo de suas respectivas épocas. Segundo Hammadah Abdalatai, “o único livro de Deus autêntico e completo, existente nos dias de hoje, é o Alcorão”. Os muçulmanos acreditam que o Alcorão é a palavra literal de Deus, ditada a Maomé por intermédio do anjo Gabriel.

**4. Os anjos de Deus:** a crença em anjos como agentes invisíveis de Deus tem um papel importante na fé islâmica e nas práticas muçulmanas. Eles acreditam que os anjos continuamente cultuam e servem a Deus, interagem com frequência com os humanos, os protegendo do mal, registrando suas ações e recebendo suas almas no momento da morte. Gabriel é destacado com honra por ter concedido a revelação a Maomé.

**5. O julgamento de Deus:** o Alcorão adverte continuamente aos seus leitores de que haverá um julgamento no qual todas as pessoas terão de prestar contas de sua vida. Como uma espécie de salvação pelas obras, a vida possui um aspecto moral, onde aqueles que cumpriram o propósito com verdadeira adoração e obras justas, ganham o paraíso eterno. Por outro lado, os que rejeitam a mensagem de orientação de Deus e que possuem obras más, sofrerão eternamente no inferno.

Ganhar a salvação pelo acúmulo de méritos e boas obras é um aspecto essencial na vida de um muçulmano e é em conjunto com os artigos de fé apresentado acima, que existem também os chamados cinco pilares do islamismo, obras que os muçulmanos são ordenados a realizar a fim de avançar no caminho de justiça:

1. Confissão de fé islâmica;
2. Observância das cinco orações diárias;
3. Pagamento da taxa religiosa ou de esmolas aos pobres;
4. O jejum durante o mês do Ramadã (da alvorada ao anoitecer);
5. Peregrinar a cidade sagrada de Meca (pelo menos uma vez na vida).